



ENTRE O TRABALHO, A ARTE E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

Rayla de Lima Tavares ¹
Maria das Graças Silva Nascimento Silva ²

RESUMO

O presente texto surge das reflexões dos primeiros passos de uma pesquisa em andamento não sendo assim um produto de uma pesquisa concluída, nesse contexto as ideias que são desenvolvidas surgem de um florescer das sementes que fora plantada por geografias corajosas que tensionam a questão de gênero e a visibilidade de temas que antes não poderiam ser pautadas em um evento como este e tão pouco pesquisado com rigor científico. Nesse contexto buscamos refletir sobre o trabalho no espaço privado e no espaço público, como se dá a relação de arte no fazer artesanal e no processo de autonomia de mulheres no contexto da Amazônia paraense. Para isto partiremos nosso estudo por meio de revisão bibliográfica e das Geografias feministas latino-americanas que nos ajudam a pensar o espaço múltiplo, diverso e interseccional.

Palavras-chave: Geografia, Gênero, Artesanato, Amazônia paraense.

RESUMEN

Este texto es el resultado de las reflexiones sobre los primeros pasos de un proyecto de investigación en curso y no es el producto de una investigación concluida. En este contexto, las ideas que se han desarrollado surgen de las semillas que han plantado geógrafos valientes que están haciendo hincapié en la cuestión del género y la visibilidad de temas que antes no podrían haberse debatido en un evento como este ni investigado con rigor científico. En este contexto, buscamos reflexionar sobre el trabajo en el espacio privado y público, cómo el arte se relaciona con la artesanía y el proceso de autonomía de las mujeres en el contexto de la Amazonia Paranaense. Para ello, nos basaremos en una revisión bibliográfica y en geografías feministas latinoamericanas que nos ayuden a pensar en espacios múltiples, diversos e interseccionales.

Palabras clave: Geografía, Género, Artesanía, Pará Amazónico.

¹ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, detavaresraila@gmail.com;

² Professora Doutora, Universidade Federal de Rondônia – UNIR, mgsnsilva@unir.br;

INTRODUÇÃO

A produção da análise geográfica transcorreu no silenciamento de expressões espaciais e saberes de determinados grupos, tais como os grupos de mulheres, de não brancos e daqueles que não se encaixam em uma tal norma heterossexual, o que traduz a naturalização dos discursos hegemônicos da Geografia. Assim, o fazer científico que busca promover visibilidade aos corpos invisibilizados na Geografia “só é possível quando compreendemos que a invisibilidade não é casual, mas produzida pelo poder da tradição dos aspectos teóricos e metodológicos que delimitam uma determinada visão de mundo” (SILVA & ORNAT, 2020, p. 166).

É neste contexto que partiremos da reflexão que para enxergar alguns dos aspectos das opressões foram necessários outras tantas trajetórias, ou ainda, nas palavras de Haraway (1995, p. 23) “Com o sangue de quem foram feitos meus olhos?”. Nesse sentido, a pesquisa em andamento, busca por meio da ciência geográfica, discutir a questão de gênero e as interseccionalidades na produção do espaço geográfico da cidade, principalmente no setor do turismo, bem como acerca do trabalho no espaço público, uma vez que as mulheres sempre trabalharam, no entanto, suas produções ficaram esquecidas, principalmente, por terem sido constituídas no espaço privado (CASTRO, EGGERT, 2015).

Nesse sentido, a compreensão rígida e conservadora sobre o papel das mulheres implementado pelas lógicas capitalistas, impôs enquanto atributo da natureza feminina o trabalho doméstico e uma vez transformado em atributo natural foi destinado a não ser remunerado, o que impede que as mulheres reivindiquem um salário, ou contestem a invisibilidade desse do trabalho doméstico (FEDERICI, 2019). Devido a essa naturalização do trabalho doméstico, quando os grupos de mulheres passam a realizar outras atividades para além do espaço privado ocorre uma sobrecarga e dupla jornada de trabalho, e de tempo para permear entre o público e o privado.

Assim temos por objetivo principal: compreender como o aspecto do trabalho no espaço público com o fazer da arte do artesanato pode influenciar na construção da autonomia de mulheres no contexto da Amazônia paraense. Portanto, espera-se com esse estudo visibilizar as histórias dos grupos de mulheres artesãs e de tantas outras que atuaram e atuam no processo de produção da cidade e difusão de um saber tradicional e cultural no contexto da Amazônia paraense.

METODOLOGIA

De abordagem qualitativa, a pesquisa está ligada à interpretação das relações que perpassam a questão gênero e trabalho de mulheres artesãs da Amazônia no recorte espacial da região do oeste paraense, por meio da análise espacial. Assim como metodologia adotaremos revisão bibliográfica e pesquisa documental, dialogando com autores e autoras que tratam sobre a temática: gênero na produção geográfica, mulheres artesãs, trabalho, autonomia, artesanato e arte. Ressaltamos que o presente texto é fruto de uma pesquisa em andamento em fase de revisão bibliográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na Geografia brasileira a perspectiva de gênero se retardou enquanto possibilidade de estudos, tendo em vista que “uma comunidade científica também é uma micro sociedade que reflete os interesses e lutas pelo poder que se dão no mundo exterior, que traduzem a influência do contexto social na seleção dos temas de investigação [...]” (REIS, 2015, p. 25). Desse modo, a negligência em pautar os estudos de gênero é um reflexo de um pensamento colonial e patriarcal, considerando que a formação do espaço geográfico brasileiro se deu a partir das lentes do patriarcado, no qual as relações sociais colocavam as mulheres em situações de opressão e desigualdade. Que se expressa também na colonialidade do saber na produção do conhecimento universalizante, no qual a tradição epistemológica se pauta no masculino e na branquitude, o que se faz necessário a desconstrução para romper com os limites criados pelo campo científico (Silva & Ornat, 2010).

Nesse caminhar para uma Geografia mais diversa e plural, o tensionamento e enfrentamento no cenário da Geografia brasileira, partiram da coragem de geografias, tais como Rosa Ester Rossini, Sônia Calió, Susana Maria Veleda da Silva, Joseli Maria Silva, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, María Franco Garcia que trouxeram produções e visibilidade por meio da categoria de gênero e de Geografias Feministas, na compreensão do espaço, assim os estudos de gênero e as geografias feministas assumem o papel de contrapor as relações de poder e as múltiplas dimensões do fazer ciência em espaços colonizados, produzindo análises interseccionais e antirracistas.

Interseccionais e antirracistas, pois como pontuado por Carneiro (2003, p. 119) “ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos

políticos” e essa condição faz com que se perceba enquanto sujeito e sujeita a partir do lugar no qual se está posto e a partir desses olhares surgem particularidade e singularidade na luta de cada grupo. E nesse aspecto os grupos como os de mulheres negras, indígenas, apresentam aspectos que não podem ser lidos apenas pela questão de gênero, mas também por uma perspectiva interseccional.

Como argumentam as pesquisadoras Silva e Souza (2022, p.136) sobre a perspectiva interseccional de gênero e raça na produção espacial da geografia brasileira:

Importante salientarmos também que a produção racializada no escopo geográfico demanda uma leitura da corporeidade do/a pesquisador/a, de seu pertencimento étnico racial, de gênero e do lugar social que ocupa, uma vez que muitos estudos étnico raciais sobre comunidades indígenas, quilombolas, dentre outros, aparecem na ordem do dia das produções científicas na geografia sem nenhuma menção à racialidade desses grupos, e a relação neutralizadora com o/a pesquisador/a evidencia um silenciamento ou apagamento desta autopercepção corpórea identitária.

Nesse aspecto, os estudos feministas evidenciam que as mulheres sempre trabalharam, no entanto, suas produções ficaram esquecidas, principalmente, por terem sido constituídas no espaço privado (CASTRO, EGGERT, 2015). Ou ainda por terem sido trabalhos desenvolvidos por mulheres negras, indígenas, principalmente nas américas com a colonização. Isso revela que a exploração enquanto concretude econômica, origem da divisão da sociedade em classes, estabelece uma relação direta com a opressão que se associa com situações de desvantagens por consequências de opressões já existentes (REIS, 2015).

Oliveira (2019) em seus estudos sobre o percurso de mulheres no Brasil colonial apresenta um aspecto do fator responsável pela situação de submissão das mulheres em relação ao papel desempenhado na sociedade colonial, o aspecto das dificuldades ao acesso à educação, nesse caso para mulheres brancas de classe abastadas. A educação feminina no Brasil colonial se limitava ao ensino da leitura e de afazeres domésticos, sendo este um modo de conservar as mulheres brancas da elite brasileira atreladas a submissão de cunho moral religioso e social da época, o que favorecia o discurso de inferioridade e falta de intelectualidade, além de destinar as ocupações dessas mulheres ao espaço privado.

No entremeio do sistema-mundo colonial as populações e os grupos explorados diretamente, buscaram maneiras de revidar a dominação imposta. Nesse sentido, Oliveira (2019) ressalta que a agricultura e o trabalho no campo foram espaços em que as mulheres negras, mulheres indígenas estabeleceram suas tradições e seus espaços de atuação, organizando uma produção de subsistência que se estendia por várias cidades coloniais, o que contrariava a lógica colonialista e patriarcal da época.

Para Federici (2019) a compreensão rígida e conservadora sobre o papel das mulheres, implementado pelas lógicas capitalistas impôs enquanto atributo da natureza feminina o trabalho doméstico e uma vez transformado em atributo natural foi destinado a não ser remunerado, desse modo impedindo que as mulheres reivindicuem um salário, ou contestem a invisibilidade desse do trabalho doméstico.

Dentro do trabalho doméstico se esconde a ideia de amor e cuidado que vão se concretizar com o casamento e após este a mulher se torna completa e passa exercer a demonstração maior de seu amor e cuidado do marido e filhos por meio do trabalho doméstico. Federici (2019), ressalta que esse processo de naturalização e sexualização do trabalho doméstico não atinge apenas as mulheres casadas, mas sim todas as mulheres, sendo elas casadas ou não, ou ainda com condições sociais para ter empregadas domesticas, pois espera-se que todas as mulheres gostem de fazê-lo.

O contraponto para tornar visível o trabalho doméstico e iniciar o processo de desnaturalização, apontado por Federici (2019), se dá em exigir salário para o trabalho doméstico, se constituindo como uma demanda revolucionária, que não vai por si só destruir o capitalismo, mas será um contrafazer para tencionar o capital a reestruturar as relações sociais, dando visibilidade ao trabalho doméstico e assim o começo para lutar.

Sousa (2018) em seu rico trabalho sobre as mulheres artesãs de cuias bordadas de Aritapera, comunidade ribeirinha do município de Santarém-PA, nos elucida que com a criação da associação de artesãs ribeirinhas, Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém – Asarisan, as mulheres artesãs dessa associação passaram a sentir mais orgulho de si mesmas pelo de reconhecimento de seus trabalhos (remunerado) e por conseguirem gerir seus próprios recurso financeiros, o que antes era visto como um trabalho doméstico. Entretanto o romper desse trabalho não remunerado, pelo menos em partes da invisibilidade, no contexto das mulheres de Aritapera se deu por meio da organização espacial enquanto um grupo de mulheres ribeirinhas artesãs na criação da associação a partir dos aspectos de suas vivências no lugar.

Como apontam as autoras Barroso e Frota (2010, p. 9) o trabalho realizado no espaço público, floresce um aspecto da autonomia enquanto trabalho valorizado, a “autonomia não apenas no sentido estritamente econômico, também em relação à superação da condição limitada da mulher no espaço privado”. E ainda:

Considerar o gênero como elemento estruturante e estruturado das/pelas relações sociais, implicou não apenas em reconhecer o trabalho artesanal através dos princípios da divisão social e sexual do trabalho sobre os quais repousa, mas se apropriar de um discurso revelador muito mais de potencialidades e superação, encontros e desencontros que esse tipo de trabalho representa na vida das mulheres em questão.

Para além do trabalho manual, o artesanato possibilitou a vivência de uma autonomia antes impensada e modificou, sobremaneira, a dinâmica das relações familiares, ainda que mais pelos rendimentos do que pelo significado ganho para os membros da família. (Barroso e Frota, 2010, p. 9)

No processo de construção da autonomia e do fazer artesanal, ao ser reconhecido e valorizado as artesãs passam a vislumbrar outro aspecto do trabalho, considerando que o artesanato é um modo de expressar a arte e não se apresenta apenas como um produto feito manualmente, mas representa a difusão de um saber cultural (RODRIGUES, 2017). E nesse aspecto, com base em Sousa (2019) em sua pesquisa sobre as tramas invisíveis, argumenta que artistas não são pessoas isoladas, mas alguém que é afetado por seu tempo e espaço e esse elementos são objeto de criação únicos e singulares, são também um espelho da identidade.

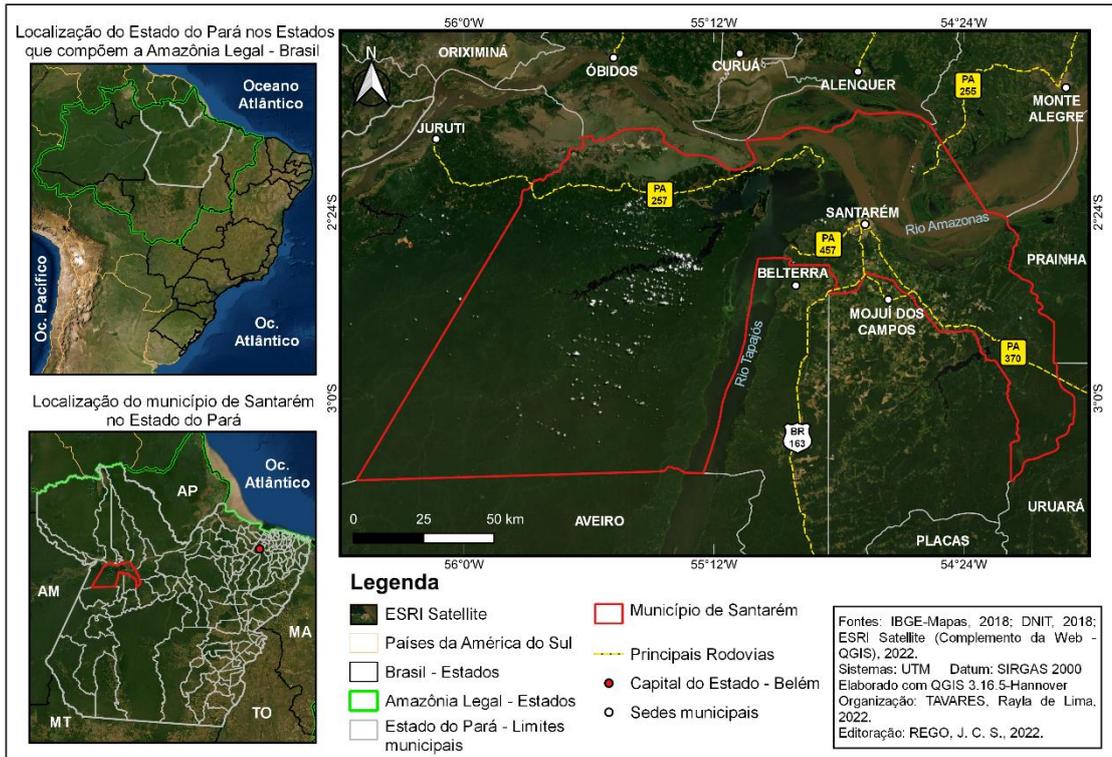
Silva (2021) em seu trabalho sobre as práticas de manejo, extração uso e beneficiamento da palha do tucumã para produção de artesanato realizado por artesãs da comunidade de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, no município de Santarém-PA, ressalta que a atividade artesanal da palha do tucumã fortalece a autonomia das mulheres tornando visível o valor dessas mulheres para si, aumentando seu senso de confiança e para os demais, além de ser uma prática de conservação e sustentabilidade, demonstrando uma outra relação com o espaço e o lugar. Diferente das lógicas de produção racionalizadas que a natureza é vista como um obstáculo a ser superado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Santarém (Figura 1) está localizado no oeste paraense, na região Norte do Brasil, encontra-se numa posição intermediária, entre as metrópoles amazônicas, Belém e Manaus, é o principal centro urbano e socioeconômico da região do Baixo Amazonas. Segundo dados do IBGE (2021) a população estimada é de 308.330 pessoas e, seu território conta com uma área de 17.898, 389 Km². É considerada a cidade mais importante do Oeste do Estado do Pará, pois apresenta uma infraestrutura mais consolidada na área sede do município além de ofertar um setor de serviços e transportes mais diversificados, com escolas, hospitais, universidades, porto e aeroporto.



Figura 1: Localização do município de Santarém, PA



Nos últimos anos Santarém vem se destacando no setor do turismo em escala regional e nacional. Sendo um dos municípios da região turística do estado do Pará, denominada de Região Turística² do Baixo Tapajós, junto com os municípios de Belterra e Mojuí dos Campos. Já em nível nacional faz parte do Mapa do Turismo Brasileiro, além disso é o único município da região na categoria B4 (TAVARES et al, 2021). Desse modo, entre as atividades do setor de turismo, destacamos o artesanato haja vista sua importância, pois relaciona o fazer artesanal que envolvem os espaços da cidade e dos povos da floresta e das águas e por este se apresentar tímido diante a visibilidade que outras atividades recebem. Além disso, no estado do Pará, cerca de 5.130 artesãos fazem parte do Programa do Artesanato Brasileiro, no qual, 76% (3.906) são mulheres, e 40% (2.052) declaram que a atividade artesanal é sua principal renda familiar (Souza, 2019)

No ano de 2015 no aniversário de 354 anos de Santarém foi inaugurado o Centro de Artesanato do Tapajós – Cristo Rei espaço criado para organizar os produtos artesanais e dá suporte ao setor de turismo. Assim Espaço Cristo Rei, foi reformado e inaugurado como o Centro de Artesanato do Tapajós, localizado na Av. Barão do Rio Branco, no centro comercial de Santarém. O prédio que abriga o Centro de Artesanato do Tapajós pertence a Diocese de Santarém, no qual foi arrendado por 10 anos pela prefeitura, está organizado em 12 lojas para a exposição de produtos artesanais, uma loja para venda de plantas e flores artesanais, uma

lanchonete para venda de comidas regionais, três quiosques para exposições rotativas, bem como caixas eletrônicos e internet Wi-Fi para lojistas e visitantes.

É importante ressaltar que as produções artesanais distribuídas em 12 lojas no espaço têm suas origens em diversas comunidades, revelando a diversidade cultural dos fazeres artesanais, fomentando a visibilidade para a produção tanto da cidade quanto do campo, principalmente dos povos da floresta e das águas. As comunidades e localidades com seus artesanatos em exposição, são: Eixo Forte/ Alter do Chão, Arapiuns, área urbana de Santarém (divididas em quatro categorias), Lago Grande, Resex Tapajós-Arapiuns, Flona do Tapajós/Belterra, CITA (Conselho Indígena Tapajós Arapiuns), Aritapera e também por algumas famílias tradicionais de artesãos, tais como: amargo Fona, Roque Lima, Mestre Izauro Farias de Sousa, Laurimar Leal e Dica Frazão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão de gênero na geografia brasileira ainda é pouco abordada, embora o espaço geográfico seja a materialização da sociedade e a existência humana se concretiza na espacialidade. O que torna pertinente abordar a existência dos diversos grupos sociais, no entanto, essa temática encontrou e ainda encontra embates em relação a comunidade geográfica no âmbito do pensar científico.

Assim o caminhar para a uma visibilidade da diversidade dos grupos sociais na análise espacial no contexto da geografia brasileira se deu pelo tensionamento de geógrafas que corajosamente tomaram essa questão como política e de enfrentamento. Considerando que uma comunidade científica também é uma microssociedade que reflete os interesses e lutas pelo poder das relações exteriores e na influência do contexto social para escolha dos temas de investigação e de preocupação dessa ciência (REIS, 2015).

É importante ressaltar, com base em Lugones (2014) que no sistema moderno colonial eurocêntrico de gênero, os seres são divididos em animais e humanos, sendo humano - o homem branco, detentor da razão e inteligência e a mulher branca reprodutora da classe dominante-, e não humano - os indígenas, negros e as fêmeas não-brancas eram consideradas animais no sentido de seres “sem-gênero” submetidas a diversas situações de opressão, exploração e violências. Nesse sentido, é importante refletir sobre produção científica e na possibilidade de visibilizar a história de mulheres e dos grupos de mulheres trabalhadoras do artesanato e de tantas outras que contribuíram no processo de produção do espaço da cidade Santarém-PA, mas que ficaram ocultas nas narrativas histórico-geográficas, por conta de discursos hegemônicos e

colonizadores. Assim visibilizar a presença significativa de mulheres amazônidas que fazem artes com mãos e divulgam a diversidade da cultura do norte e da Amazônia.

REFERÊNCIAS

BARROSO, H. C.; FROTA, M. H. P. . A trama do trabalho artesanal para mulheres cearenses: desvendando códigos de gênero. **In: Fazendo Gênero: Diásporas, deslocamentos e diversidades**, 2010, Florianópolis. *Fazendo Gênero : Diásporas, deslocamentos e diversidades*, 2010

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CASTRO, Amanda Motta; EGGERT, Edla. **A tecelagem Manual em Minas Gerais: Elementos para uma análise Feminista da Produção Artesanal**. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.6, n.1, p. 114-126, janeiro/julho de 2015.

DOURADO DA SILVA, Suzanna; ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **O Protagonismo Invisibilizado da Mulher na Floresta da Amazônia Acreana**. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 11, n.1, p. 20 34, 2020.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista** / Sílvia Federici; tradução de Coletivo Sycorax — São Paulo: Elefante, 2019.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, Setembro/Dezembro, 2014.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Nascimento (org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2011

REIS, Maíra Lopes. **Estudo de Gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço**. *ESPAÇO E CULTURA*, UERJ, N. 38, P. 11-34, julho/dezembro de 2015.

RODRIGUES, Mateus *et al.* A utilização do artesanato como forma de renda e cultura na região amazônica. **In: Seminário A diversidade do Mundo Rural na Amazônia**, 2017, Belém-PA. **Livro de resumos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017.



SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J. **Geografias feministas na América Latina: desafios epistemológicos e a decolonialidade de saberes.** Journal of Latin American Geography, Volume 19, Número 1, p. 163-171, Janeiro, 2020.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, M. J. (Org.) ; CHIMIN JUNIOR, Alides B (Org.) . **Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados.** 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023. v. 1. 560p.

SILVA, Cíntia Cristina Lisboa da; SOUZA, Lorena Francisco de. **Geografia e a Perspectiva Interseccional de Gênero e Raça: Corporeidade e Espaços que Produzem o Campo Científico.** Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 13, n. 1, p.125-148,2022. ISSN 21772886.

SOUSA, Ádria Fabíola Pinheiro de. As cuias bordadas de Aritapera: conhecimento, saber e arte. 2018, 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2018.

SOUSA, Juliana P. **Tramas invisíveis: bordado e a memória do feminino no processo criativo.** 2019. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém. 2019.

SOUZA, Rodrigo. **Mulheres representam 76% dos produtores de artesanato paraense.** Agência Pará. Belém-PA. 07 de nov. 2019. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/16199/mulheres-representam-76-dos-produtores-de-artesanato-paraense>

TAVARES, Goretti da Costa et al. O turismo no Pará e a COVID-19: diversidade econômica e políticas públicas regionais a partir do impacto da pandemia. GEO UERJ, Rio de Janeiro, n. 39, 2021.